

Crítica // *Tia Virgínia* ★★★★★

# A vez de se lançar

EDUARDO MARTINO &amp; ANDREA TESTONI / ZUPPA FILMES



Vera Holtz, Louise Cardoso e Arlete Salles estão em *Tia Virgínia*

Com uma mirada bastante intimista, *Tia Virgínia* trata das tensões acumuladas em família repleta de dramas

Ricardo Daehn

À parte, marginalizadas, vivem Virgínia (Vera Holtz) e a quase centenária mãe dela, Cândida (Vera Valdez). No papel de uma tia que esqueceu, ou melhor, abriu mão dos sonhos, Holtz brilha com profundidade e mais do que mereceu o prêmio de melhor atriz vencido no último Festival de Cinema de Gramado. Festivo e proponente de tons inesperados, o *Bolero de Ravel* — integrado à trilha sonora do filme conduzido por

Fabio Meira — cabe à perfeição na trajetória da mulher que, abnegada, recebe para festejos natalinos as irmãs Vanda (Arlete Salles) e Valquíria (Louise Cardoso). Com a experiência falando alto, as três atrizes elevam os ânimos das personagens e a sutileza cênica que abraça drama e graça.

*Tia Virgínia* é daqueles raros exemplares de dramas familiares bem-costurados, a exemplo de *Querido estranho*, *Bendito fruto* (também com Holtz), e *Ela e eu*. Trata, no fundo, de conquistas

— mas advindas por meio de perdas e decepções. Rico, o roteiro assinado por Fabio Meira explora o que seria o desgastado e mantido longe do gosto popular: há ópera, exposição de objetos antigos (alguns até dispostos em cristaleiras) e, sim, apresenta ainda a flacidez e a imobilidade da velhice (sem a leveza de um longa nacional como *Depois daquele baile*, também centrado na terceira idade). Fermentado por irreparáveis acontecimentos do passado das personagens, o enredo abraça a vertente da reinvenção e aponta para soluções numa linha cara ao cinema nacional, como atestam fitas

como *Vagas para moças de fino trato* e *As meninas*.

Entre os coadjuvantes, todos encontram o espaço e a plenitude, como mostram Daniela Fontan, na pele de uma afeiçoada sobrinha, e Antonio Pitanga, no papel de um marido sem tanta voz ativa. Para completar o bom andamento, sem muito drama, o repulsivo exercício do patriarcado dá os ares da (des)graça, com uma relação desencontrada entre a empregada Soraia (Amanda Lyra) e o paparicado Bernardo (Iuri Saraiva, artista formado em Brasília). Por fim, a escolha das músicas (na autoria de Milton Nascimento, *Cais* e *Um gosto de sol*) é bem interessante.

## ENTREVISTA// Fabio Meira, diretor

**Há lacuna de filmes que retratam a classe média no cinema brasileiro?**

Certamente. Nossa cinematografia está calcada em território urbano, dos submundos, das favelas e em territórios extremos, como os sertões ou cenários de exuberância natural. O cinema brasileiro tratou da elite em filmes importantes, mas raras vezes tratou dessa sociedade do interior. Acho importante falar dessas

famílias de classe média que a princípio não possuem nada de exuberante, mas basta vê-las de bem perto para perceber o maravilhoso e profundo universo que elas abarcam.

**Como é um homem conduzir um filme com questões tão delicadas e pertinentes para as mulheres?**

Desde meu primeiro curta, trato de personagens femininas. Ora na ficção, ora

no documentário, como nos dois filmes que fiz sobre as jogadoras de vôlei dos anos 1990, *Pátria* e *O discreto charme de uma campeã*. O próximo filme também será assim. Para mim é natural, faz parte do que sou e não entendo por que até hoje ainda tentam dividir as pessoas por gênero.

**Como foi prevista a cena da ceia? Houve muito ensaio?**

É a cena mais importante do filme e estou muito feliz

com o resultado. Dramaturgicamente, a cena da ceia inclui todos os temas do filme. Vera está sublime nessa cena, assim como todo o elenco e como o operador de câmera, já que se trata de um plano sequência longuíssimo. A equipe de arte e contra-regragem também teve papel essencial. Para se chegar em um resultado como esse, é necessário que muita gente tenha executado seu trabalho com primor e entrega.